



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA**

MARIA DO SOCORRO VIEIRA LAURINDO

**FILMES DE ANIMAÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**CAMPINA GRANDE-PB
2015**

MARIA DO SOCORRO VIEIRA LAURINDO

**FILMES DE ANIMAÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O
ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento as exigências para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias.

CAMPINA GRANDE-PB
2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

L384f Laurindo, Maria do Socorro Vieira.
Filmes de animação como recurso didático para o ensino de geografia na educação básica / Maria do Socorro Vieira Laurindo. – Campina Grande, 2015.
23 f. il.

Artigo (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Prof.^a Ms. Angelica Mara de lima Dias".
Referências.

1. Geografia Escolar. 2. Filmes de Animação. 3. Metodologias de Ensino. 4. Recursos Cinematográficos – Sala de Aula. I. Dias, Angelica Mara de lima. II. Título.

CDU 911:37.091.3(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA - CGEO

BANCA EXAMINADORA DE: MARIA DO SOCORRO VIEIRA
LAURINDO

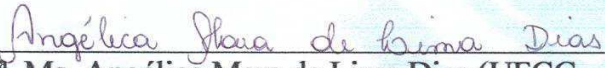
TÍTULO: FILMES DE ANIMAÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO
PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

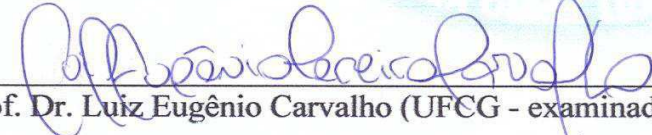
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

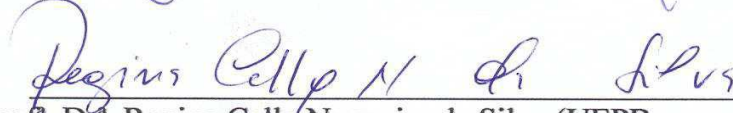
MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Curso de Licenciatura em Geografia

Campina Grande (PB), 11 de novembro de 2015.


Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias (UFCG - Orientadora)


Prof. Dr. Luiz Eugênio Carvalho (UFCG - examinador)


Prof.^a Dr.^a Regina Celly Nogueira da Silva (UEPB - examinadora)

AGRADECIMENTOS

Estou muito feliz por ter chegado até aqui, pois foi um caminho longo e árduo. Ao longo deste, preciso agradecer aos que me acompanharam e torceram por mim.

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a honra de concluir um curso superior, no qual muitos não acreditavam no meu potencial, e por ser sempre o meu socorro tão presente.

Ao meu namorado Almir, que nunca deixou de acreditar em mim. Deixo aqui meu sincero agradecimento a ele, por ter sido o principal incentivador deste sonho e por seus conselhos.

A minha mãe Maria (*in memorian*) por sempre acreditar em mim. Agradeço as muitas vezes que ficava me esperando chegar da universidade, e só ir dormir quando chegava. A você minha mãe, dedico a conclusão desse curso e meu amor incondicional.

Ao meu pai, por sempre querer o melhor para mim. O caminho percorrido não foi fácil, mas com fé em Deus, cheguei até aqui, então a Ele toda honra e toda glória.

A minha orientadora Angélica Mara, em especial, por aceitar me orientar. Eu sempre costumo dizer que Deus não me deu amigos, me deu anjos de presente, para cuidar de mim aqui na Terra, e um desses anjos foi ela. Angélica, a você toda minha gratidão.

Agradeço também a minha professora tão querida Débora Moura, pelo apoio e por sempre acreditar em mim.

A toda minha família, em especial a minhas irmãs Damiana (Miana) e Francisca (Enka), por serem tão presentes em minha vida. Agradeço a meus irmãos: Fernando, Francisco, Geraldo, Antônio e Domiciano pelo apoio e as palavras de incentivo. Sem vocês, não seria possível estar escrevendo essas palavras, principalmente quando no meio do caminho ocorreu uma grande perda, que foi a morte da querida mãezinha.

A todos os professores da UAG, pelos ensinamentos em sala de aula, em especial aos professores Janaína, Luiz Eugênio, Lincoln e toda a coordenação do curso, em especial aos secretários Marcelo e Simone, por muitas vezes me auxiliarem com algum problema.

A todos os colegas de curso, especialmente a minha amiga e companheira de todas as horas e todos os trabalhos Erimagna Rodrigues (Maga), e também sem deixar de citar: Aline, Gerliane, Hildenia, Marcia, Jardoniél, Jamesson e todos os demais, por que uma forma direta e indireta, fizeram parte do meu crescimento.

Enfim, agradeço a todos que fazem parte da minha vida e que de alguma forma, direta ou indireta contribuiu para a realização desse sonho, A todos vocês, meu muito OBRIGADO!!!

RESUMO

Na tentativa de analisar como se utilizar recursos cinematográficos em sala de aula, em especial nas aulas de Geografia, na ânsia de torná-la mais atrativa, esse artigo se propõe a discutir como trabalhar os conteúdos geográficos a partir de recursos midiáticos, neste caso, filmes de animação. Acreditamos que esta seja uma proposta metodológica significativa capaz de auxiliar o professor no processo do ensino-aprendizagem na educação básica. Para tanto, usamos autores como Pontuscka (2007), Carvalho (1925), Albuquerque (2011), Dias (2013), dentro outros como aporte teórico e nos embasamos nos pressupostos da pesquisa qualitativa para a prática empírica. Esta se deu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Joffily – CAIC - Campina Grande-PB como parte das atividades desenvolvidas no Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID/subprojeto Geografia.

Palavras chave: Geografia escolar. Filmes de animação. Metodologias de ensino.

ABSTRACT

In the attempt to analyse how o use cinematographic resources in the classroom, especially in geography classes, this article proposes to discuss how to work the geographic content from media resources, in this case, animated movies. We belive this is a significant methodological proposal capable of helping the teacher in the teaching-learning process in basic education. To do so, we use authors as Pontuscka (2007), Carvalho (1925), Albuquerque (2011), Dias (2013), and other theoretical support and we base ourselves on the assumptions of qualitative research to empirical use. This took placr in the state middle and high school Jose Joffily -CAIC- Campina Grande-PB as part of the activities developed in the program of establishing the teaching initiation scholarship -PIBID/ Geography Subproject.

Key words: School Geography. Animated films. Teaching methodologies.

FILMES DE ANIMAÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos anos aumentam, consideravelmente, as pesquisas sobre a prática de ensino de Geografia, principalmente no que se refere às metodologias de ensino, ressaltando a importância de aproximar os conteúdos da referida disciplina à realidade cotidiana dos alunos, objetivando uma aprendizagem significativa.

Neste período de tempo, tem se discutido também sobre a qualidade do ensino - especialmente no âmbito da escola pública - em especial o papel do professor na educação básica. Sobre este último, destacamos que diversos são os fatores que podem contribuir para o sucesso ou fracasso de sua intervenção em sala de aula, dentre os quais a remuneração, excesso de carga-horária, condições de trabalho, infraestrutura, recursos materiais, como também a metodologia de ensino utilizada.

No que se refere à metodologia utilizada, é comum observar discentes reclamarem da qualidade das aulas, dos materiais utilizados, da ausência de “domínio” de conteúdos pelo professor, da postura muitas vezes autoritária, e da rigidez da avaliação. Por outro lado, também é comum o reconhecimento de boas intervenções docentes, das metodologias que alcançam sucesso e promovem a aprendizagem e a construção do conhecimento.

Dentro desse contexto, o despertar para a pesquisa no âmbito das metodologias de ensino, neste caso específico de Geografia, surgiu das inquietações adquiridas durante as etapas de estágio supervisionado¹, exigência da grade curricular acadêmica. Durante os estágios, foi possível observar algumas lacunas nas aulas de Geografia, como o uso de metodologias tradicionais – que valorizaram sobremaneira o exercício da memória -, emprego errôneo de recursos didáticos – que eram usados como ilustração e vazios de conteúdos -, e excesso de aulas expositivas no qual o livro didático se mostrava como aparato do professor e não material didático para o aluno.

O período de realização de estágio supervisionado, apesar do surgimento das inquietações supracitadas, não se configurou como momento de tentar superar práticas

¹ O Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande é dividido em quatro etapas (estágio supervisionado I, estágio supervisionado II, estágio supervisionado III e estágio supervisionado IV).

tradicionais nas aulas de Geografia. Talvez pelo prazo estabelecido para o cumprimento de cada etapa e também, pelo fato de a própria escola muitas vezes não abrir tanto espaço que o estagiário possa aprofundar sua prática. No entanto, o ingresso no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência, possibilitou – principalmente durante a docência compartilhada – atividades com práticas metodológicas que se revelaram inovadoras no contexto atual em sala de aula, como por exemplo, uso de filmes de animação como recurso didático.

Este artigo, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, então parte de experiências docentes vivenciadas no PIBID-Geografia/UFCG e está estruturado da seguinte forma, de início abordamos a Geografia que é praticada em sala de aula, depois nos reportamos para o cinema e a prática de ensino na Geografia escolar em um contexto histórico. Na quarta parte tratamos os filmes de animação como recurso didático na Geografia escolar a partir de experiências práticas desenvolvidas no âmbito do PIBID/Geografia em sala de aula.

2. A GEOGRAFIA EM SALA DE AULA

Com o avanço cada vez mais abrangente da tecnologia no nosso dia-a-dia, a inserção desta no ambiente escolar se torna cada vez mais necessária, como afirma Pontuschka (2007):

Diante do avanço tecnológico e da enorme gama de informações disponibilizadas pela mídia e pelas redes de computadores, é fundamental saber processar e analisar esses dados. A escola, nesse contexto, cumpre papel importante ao apropriar-se das várias modalidades de linguagens como instrumentos de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação das informações e desenvolvendo a capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, implicam também novas formas de aprender (p. 261-262).

É preciso então que o professor ensine seu aluno a como tratar a informação que chega até ele por meio de diversos instrumentos (midiáticos, tecnológicos, etc.) e assim transformá-la em conhecimento. Dentro desse contexto, no que se refere à Geografia escolar, é necessário acompanhar as mudanças trazidas pelos recursos tecnológicos que são inseridos no cotidiano em vista que esta é uma disciplina no qual, a aprendizagem é fundamentada na importância da realidade vivenciada do dia-a-dia. Sobre esta afirmação, Pontuschka (2007) nos acrescenta:

Na era da globalização, em que as informações chegam de forma muito rápida por meio da televisão, do cinema, do rádio, do vídeo, do computador, o trabalho pedagógico do professor enriquecer-se-á se ele utilizar todos esses recursos para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a compreender o mundo em que vive (p. 263).

A televisão, o cinema, o computador, entre outras linguagens, se constituem recursos didáticos que necessitam ser utilizados no mundo atual. As linguagens ou recurso didáticos quando associados aos conceitos e conteúdos da Geografia tornam esta disciplina significativa à reflexão dos alunos (PONTUSCHKA, 2007).

Tradicionalmente, os conteúdos ensinados na Geografia escolar são marcados pela fragmentação do saber e pelo distanciamento da realidade cotidiana dos educandos. Infelizmente, essa é uma realidade que persiste na maioria das escolas brasileiras, pois segundo Callai (2001):

São aspectos naturais e humanos do espaço geográfico, traduzidos em aulas sobre relevo, vegetação, clima, população, êxodo rural e migrações, estrutura urbana e vida nas cidades, industrialização e agricultura, estudados como conceitos abstratos, neutros, sem ligação com a realidade concreta da vida dos alunos (p.139).

Diante do exposto, não é estranho afirmar que esta postura tem contribuído para uma aprendizagem mecânica, que em nada ajuda o aluno a dar sentido aos saberes geográficos. De acordo com Azambuja & Callai (1999), “os conteúdos não deverão ser estudados apenas no seu caráter informativo, mas principalmente como meio formativo da capacidade de raciocínio geográfico, de interpretação dos fenômenos socioespaciais” (p. 189). Dessa forma, é possível promover uma aprendizagem significativa dos conteúdos escolares, bem como o senso crítico dos alunos.

Segundo Pontuschka (2000), não é possível pensar o ensino e a aprendizagem da Geografia sem pensar que ela é parte integrante do contexto escolar. Nessa perspectiva, Kaercher (1999) afirma que, juntamente com outras disciplinas escolares, a Geografia pode ser um instrumento valioso para elevar a criticidade dos alunos, pois trata de assuntos intrinsecamente polêmicos e políticos, quebrando a tendência secular da escola como algo tedioso e desligado do cotidiano. Para acompanhar esse pensamento, se faz necessário que o professor – neste caso específico, o professor de Geografia - esteja atento ao uso de metodologias diversas em sala de aula que potencializam o ensino quando se relacionam com os conteúdos do livro didático.

De acordo com Pina (2009) o livro didático tem função referencial, por trazer propostas de conteúdos referendados em documentos curriculares oficiais. Além de sua função instrumental, o livro escolar no Brasil adquiriu algumas características que o fizeram, em muitos casos, o mais importante e imprescindível para o desenvolvimento da prática didático-pedagógica de alguns docentes, propondo métodos de aprendizagem e favorecendo, segundo contexto, memorização, resolução de problemas e outros (PINA, 2009).

A utilização de outros meios que não sejam o livro didático torna-se necessária para desmistificar que as aulas de Geografia são enfadonhas e cansativas. Associar conteúdo e metodologias distintas abordadas por recursos didáticos, como por exemplo, o cinema, é capaz de proporcionar um aprendizado elementar e significativo.

3. O CINEMA E A PRÁTICA DE ENSINO NA GEOGRAFIA ESCOLAR

3.1 O CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO

Diante do cenário atual já relatado, marcado pela presença da tecnologia no cotidiano da sociedade, e em especial o cotidiano escolar, destacamos o cinema como recurso didático primordial na formação dos alunos, podendo apresentar distintas visões de mundo, uma vez que a arte cinematográfica, desde o seu surgimento, encanta o expectador e cria diferentes percepções da realidade. Através do cinema, o professor utiliza uma linguagem cotidiana para discutir questões de diversas matérias lecionadas no ensino básico, interligando os conteúdos a temáticas ligadas ao dia-a-dia de seus alunos.

Fazer uso de filmes na sala de aula, recorrer à programação da TV e a outros meios de comunicação contribui para o alargamento das fronteiras da escola, e do ensino como um todo. Sobre essa afirmação, Fischer (2007) coloca que o uso do cinema em sala de aula é “talvez um dos trabalhos pedagógicos mais revolucionários, seja o que se refere a uma ampliação do repertório de professores, crianças e adolescentes, em matéria de cinema, televisão, literatura, teatro, artes plásticas e música” (p. 298).

O autor ainda salienta que a oferta de conteúdos e experiências precisa ir além do que “circula na grande mídia”, possibilitando “educar olhos e ouvidos”, “educar a alma”, de maneira a permitir a formação de um pensamento crítico. Conforme Fischer, investir na ampliação dos repertórios tem o sentido de “ampliar as possibilidades de

estabelecer relações”, permitindo inclusive criar um saber-fazer “para pensar de outro modo o presente que vivemos” (FISCHER, 2007, p. 298).

Para entendermos um pouco mais sobre a importância do cinema como recurso didático, é necessário retornarmos ao final do século XIX quando este surge, com os irmãos Lumière na França. Ao seu surgimento, o cinema não exigia uma total alfabetização por parte das pessoas, e, mesmo depois quando deixou de ser mudo, na década de 1920, continuou a não exigir muita erudição de seu público. Portanto, desde o princípio, o cinema foi um veículo voltado às massas, e responsável em grande parte, por difundir maneiras, costumes, linguagens, ideologias. De acordo com Bernardet (1980, p. 36)

[...]a sociedade é caracterizada, entre outras coisas, pela simultaneidade e sobreposição das relações espaços-temporais. Entretanto, para os primeiros filmes, representar a caoticidade do mundo atual era uma tarefa quase impossível de ser realizada. Nesse período (primeira década do século XX), o cinema conseguia dizer apenas: agora acontece este fato (primeiro quadro), e assim sucessivamente.

Foi também na França que este recurso foi atribuído como de fundamental importância para a educação, sendo uma inovação de sucesso no ambiente escolar como bem nos coloca André Balz:

Na França, na cidade de Lille, um congresso reuniu-se, não há muito, com o fim de tratar do cinema educador. Em muitos países da Europa, tem-se introduzido na escola essa maravilha, que dá particular encanto á obra da educação. No departamento da Mancha, da grande nação latina, já se encontram 122 escolas providas de um aparelho cinematographico. A inovação tem feito sucesso, por toda parte é acolhida com o maior prazer. As lições illustradas pelo film, [...]gravam-se no cerebro infantil mais facil e profundamente que as outras. E' um precioso instrumento pedagogico, que permite suprimir ou abreviar inuteis explicações² (1926, p. 591).

Como pudemos observar, desde seu surgimento até os dias atuais, o cinema é importante ferramenta de auxílio didático para o professor que deseja fazer de sua aula mais atrativa, aguçando a curiosidade, criatividade e criticidade de seus alunos. Através das exibições cinematográficas, o conteúdo pode ser ministrado com maior facilidade, uma vez que o cinema tem a proporção de ir além da diversão, passando a ser uma das mais importantes ferramentas para atingir um objetivo de massa.

² As citações aqui apresentadas estão em sua forma original de escrita.

No entanto, conforme Moran (1995), os alunos geralmente relacionam o vídeo e a televisão a um contexto de lazer, entretenimento e descanso. A visão que os estudantes atribuem ao uso desses recursos didáticos na escola modifica seus reais objetivos em relação ao processo educativo. Contudo, o autor salienta que é a partir das expectativas positivas que os alunos concedem ao cinema, que o professor pode aproveitar para estimulá-los a problematizar e ensinar certos assuntos do planejamento pedagógico. De acordo com Neves,

Com a forte presença do cinema atualmente, o estudo deste passou a ser desenvolvido por inúmeras ciências (Historia, Sociologia, Antropologia, Pedagogia etc.) de maneira que a Geografia tendeu a ser cobrada no sentido de também construir referenciais interpretativos e teóricos para saber lidar e ler as imagens cinematográficas a partir de seu arcabouço linguístico (2013, p. 268).

Nesse sentido, acreditamos que o cinema como recurso didático nas aulas de Geografia, torna-se uma ferramenta de grande importância, principalmente quando se trabalha o espaço, uma vez que [...] qualquer que seja a importância do movimento ou do tempo ou de qualquer outro elemento técnico ou psicológico no mecanismo de expressão fílmica, deve ter-se sempre em mente que o cinema estabelece a noção de espaço (FRANCASVEL, 1983, p. 157).

3.2 O CINEMA NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Traçando breves apontamentos sobre as metodologias de ensino na Geografia ao longo de sua trajetória histórica, trabalhos de autores como Veríssimo (1889), Carvalho (1925), Azevedo (1935), Penteadó (1991), Pontuschka (2007), Kimura (2008), entre outros, nos deparamos com a reclamação de que a Geografia trabalhada na escola é mnemônica e sem significado para a vida dos alunos. Essa reclamação reflete problemas metodológicos em sala de aula revelando práticas que prezam em demasia a mnemônica, descrição e as nomenclaturas. “O que se pode perceber é que os problemas metodológicos apontados (conteúdos descritivos, método mnemônico, nomenclaturas como conteúdos, etc.) se repetem historicamente, são continuidades que teimam em permanecer nas salas de aula de Geografia” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 16). No entanto, apesar de tais permanências na prática de ensino de Geografia, acreditamos que

esta disciplina tem passado por mudanças significativas nas últimas décadas bem como em sua prática em sala de aula.

A Geografia escolar no Brasil passa por uma orientação moderna, embasada nos pressupostos do entusiasmo pedagógico que invadia o país da década de 1920 e da Escola Nova (DIAS, 2013). A esta renovação na disciplina, destacamos a figura do professor Carlos Miguel Delgado de Carvalho, precursor de uma Geografia moderna e dos ideários escolanovistas. Delgado de Carvalho, tendo estudado na Europa, trouxe novo ânimo para a disciplina. Em 1913 publica o livro *Geographia do Brasil*, propondo novas metodologias de ensino acaba por introduzir uma regionalização ao país. Em 1925, o autor supracitado lança o livro *Methodologia do Ensino Geographico*, preocupado com a renovação das práticas dos professores em sala de aula. Nesta obra, o mesmo afirma:

A geographia tem por objeto o estudo da Terra como ‘habitat’ do homem. Infelizmente não é sob este ponto de vista que é estudado entre nós este ramo científico. Nas escolas do Brasil e de outros países de nosso continente, a geografia é o estudo de uma das modalidades da imaginação humana, isso é, da sua faculdade de atribuir nomes, de chrismar áreas geográficas. As montanhas, os rios, as regiões naturaes não são estudados em si, mas apenas como merecedores de um esforço de nossa fantasia. Aqui, quem não sabe nomenclatura não sabe geographia, e deste modo a poesia e a geographia são produtos diretos da imaginação, apesar de fazerem parte de cadeiras deferentes (CARVALHO, 1925, p. 3).

Por sua crítica, vemos o olhar severo de Delgado de Carvalho sobre a Geografia ensinada no Brasil. Em seus argumentos mostrava a preocupação em combater o método de ensino mnemônico, os conteúdos distantes da realidade do aluno e o excesso de nomenclaturas, preocupações essas bem atuais e condizentes com nossa realidade. No entanto, Delgado de Carvalho deixa evidente os conflitos que impediam a introdução de novas metodologias de ensino nas aulas de Geografia nas escolas brasileiras, uma vez que o professor seria apenas o agente transmissor do conhecimento.

Na ânsia de tornar as aulas de Geografia mais atrativas e menos enfadonhas, Delgado de Carvalho chama a atenção para com “a escolha de materiais que possam envolver o aluno em sala de aula, usando como exemplo as projeções fixas³ (com o

³ A projeção fixa dá-se por transparência ou por reflexão, a que correspondem os diascópios e episcópios. Diascópio é o aparelho usado na projeção feita por transparência (do grego “dia” = através e “scopein” = ver, examinar). As projeções fixas do tipo levam, então, êste nome. Episcópio é o aparelho em que a projeção é feita por reflexão, ou seja, a projeção de tudo aquilo sobre o que a luz age, refletindo-se (também do grego: “epi” = sobre e “skopein” = ver, examinar). Os diascópios mais comuns são as chamadas “lanternas-mágicas”, que se compõem de 4 partes

auxílio da lanterna mágica e ainda contando com a escuridão da sala de aula) e diapositivos de vidro⁴ (DIAS, 2013, p. 19). Sobre tais recursos, Delgado de Carvalho afirma que,

[...]completam as ilustrações do livro e o *archive photographico* do professor. Mas o facto de necessitar a lanterna mágica a obscuridão da sala, a facilidade que oferece em submeter a toda a turma, ao mesmo tempo, a mesma vista em grande escala, tornam as projecções fixas fontes de documentação mais sensacional (CARVALHO, 1925, p. 143).

Este autor salienta que o principal tópico a definir são os objetivos que se pretende atingir com as projeções fixas. Em nenhuma hipótese se pode pensar no uso de tais projeções para preencher simplesmente o espaço do professor. E ainda sobre as projeções luminosas como recurso pedagógico, Delgado nos acrescenta:

O grande auxiliar do ensino tanto da *geographia* como de todas as *sciencias naturaes* é o cinematographo. Ahí está o incontestavelmente o futuro pedagógico por excellencia. Não entrarei aqui em detalhes, porque só este assumpto justificaria uma brochura (CARVALHO, 1925, p. 145).

Podemos observar então a importância atribuída ao uso do cinema enquanto metodologia para o ensino de Geografia, recurso este capaz de aproximar conteúdos à realidade dos alunos. A respeito do cinema nas aulas de Geografia, o autor Marcelo Cousin, declara:

Penso que o uso do cinema como recurso didático deve potencializar o processo de ensinar e aprender em Geografia por meio de uma articulação entre conteúdo conceitual e com os significados que o filme expressa. Para isso, penso ser importante o planejamento da aula levando em consideração a temática em discussão, a faixa etária da trama para a escolha do filme a ser exibido, a organização de um roteiro que irá subsidiar a discussão após sua exibição de um conjunto de atividades que contribuirão para a significação das aprendizagens construídas (COUSIN, 2012, p. 74).

Sendo assim, uma vez que o professor opta por introduzir esse recurso didático em suas aulas de Geografia, é necessário que, no mínimo, ele tenha conhecimento do

essencialmente: 1- caixa, 2- luz, 3- condensador e objetiva e 4- dispositivo para arrastamento (mudança) do diapositivo. Os episcópios projetam por reflexão a imagem de corpos opacos. Para isso, tais objetos devem ser iluminados convenientemente, refletindo-se, esta luz sobre um espelho que encaminha a imagem a objetiva a fim de projetá-la na tela. Também os episcópios apresentam uma caixa, a fonte luminosa, prancha móvel, espelho (plano ou parabólico) e objetiva (ESPOSEL, 1967, p. 16–17).

⁴ O material a ser exibido nos diascópios pode ser encontrado em quadros isolados, constituindo o diapositivo ou slide e ligados numa sequência, em número variado de quadros, sendo, então, chamado diafilme, filmes fixos, “roll-filmes” ou ainda “filmstrip” (ESPOSEL, 1967, p. 18).

filme que será utilizado. É preciso elaborar um roteiro de possíveis utilizações desse filme com a turma, e, principalmente, articular a discussão do conteúdo proposto para cada faixa etária. Levando em consideração o que deve ser observado no filme exibido, desde que esse, não seja só uma “enrolação”, dito muitas vezes pelos alunos.

Vale ressaltar, no entanto, que quando falamos de seguir um roteiro programado, estamos mencionando desde a ficha técnica das animações, na qual devemos citar informações tais como, ano de lançamento, autores, diretores, do que a animação se trata para em seguida darmos continuidades aos demais segmentos programados.

4. FILMES DE ANIMAÇÃO NA GEOGRAFIA ESCOLAR: experiências práticas

4.1 FILMES DE ANIMAÇÃO ENQUANTO RECURSOS DIDÁTICOS

Como já dissermos anteriormente, devido a gama de informações difundidas nesse mundo globalizado, se torna urgente, que as escolas reformulem suas práticas de ensino para acompanhar tal evolução.

No caso da Geografia escolar, são diversos os mecanismos que podem ser usados no processo de ensino-aprendizagem, contudo, destacamos a importância da utilização do cinema (como mídia digital) nos ambientes escolares, em especial, o uso de filmes de animação para se trabalhar os conteúdos da Geografia referentes no nível fundamental II da educação básica. Acreditamos que estes, além de cumprir o processo de aprendizagem, estimulam os vários sentidos humanos, chegando mesmo a dar à ideia de vivências as situações ilustradas.

No entanto, faz-se necessário salientar que a educação pelas mídias, principalmente com a apresentação de filmes em sala de aula, tem se adequado cada vez mais, o novo modelo educacional que a sociedade globalizada requer. Uma educação mais flexível, mais crítica, mais ativa, na qual o aluno é ator no processo ensino-aprendizagem e o professor orientador (PIRES, 2010).

Os filmes de animação, também conhecidos como desenhos animados, fazem parte do cotidiano dos alunos e acreditamos que o seu uso poderá estreitar laços com a disciplina Geografia. No entanto, para que as aulas de Geografia sejam dinamizadas por tais recursos didáticos, cabe ao professor o desafio de contextualizar os conteúdos programáticos com a realidade do aluno, selecionando mídias que condizem com sua faixa etária, pois,

[...]vale convir que utilizando coerentemente os desenhos animados no ambiente escolar é possível transformar uma aula tradicional em uma aula interativa e desenvolver a parte psicológica, afetiva, biológica, social e cognitiva dos estudantes além de prepará-los para uma visão crítica e reflexiva da sua realidade como um todo (SALGADO, PEREIRA E SOUZA, 2005, p. 9-24).

Os desenhos animados inteligentes são aqueles que conseguem trabalhar nas entrelinhas temas importantes sem que isso atrapalhe a o senso crítico do aluno e que, ao mesmo tempo, os tornem conscientes dessas prementes questões do mundo em que vivemos.

4.2 EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA

Como já salientamos anteriormente, a aplicação das atividades com filmes de animação em sala de aula nos foi permitida por uma ação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência – PIBID – área Geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. É necessário enfatizar que programas como este possibilitam a formação de novos profissionais, com maior vivência em atividades ligadas à docência que vão para além do estágio, promovendo uma iniciação docente mais articulada com a escola básica, evidenciando um ensino que enfatize o licenciando como sujeito o processo de construção do conhecimento (BUENO, 2013). Diante do exposto, este é sem dúvidas um programa que promove a articulação da universidade com a escola básica.

Nossa ação se desenvolveu na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Joffily – CAIC, no qual foi bem aceita pelo coordenador do subprojeto da área Geografia, pela professora-supervisora e toda comunidade escolar.

Em um primeiro momento se deu a fase planejamento. Juntamente com a professora-supervisora do PIBID/Geografia da escola campo de atuação iniciamos o planejamento de atividades selecionando as turmas que iriam participar da ação (neste caso 6º e 8º ano do ensino fundamental) e os conteúdos do livro didático adotado para estas. Uma vez feito esse planejamento, foi feita uma pesquisa de quais filmes de animação seria possível trabalhar determinados conteúdos. A escolha das turmas se

justifica pela faixa etária que apresentam (final da infância e início da adolescência) se adequando a linguagem dos desenhos animados.

Vencida essa etapa, foi necessário uma fase de conscientização com os alunos de que os filmes de animação se configuravam como instrumento de aprendizagem e não apenas de lazer. Assim, pudemos direcionar o olhar dos alunos para os elementos educacionais que os filmes trazem consigo e que muitas vezes passam despercebidos.

A terceira etapa consistiu em definir os filmes de acordo com os conteúdos. Sendo assim, selecionamos para o 6º ano o filme de animação “A era do gelo 4”, para trabalhar o conteúdo “as formas do relevo continental e os agentes do modelado”. Para o 8º ano, selecionamos o filme “Pocahontas - o encontro de dois mundos”, para trabalhar o conteúdo “Estados Unidos: formação territorial”.

O filme de animação “A era do gelo 4” se inicia com o esquilo Scrat sempre em busca de sua cobiçada noz, indo ao núcleo da Terra e provocando, sem querer, a separação dos continentes.

A situação provoca mudanças no terreno de vários locais, entre eles, onde os amigos Manny (Ray Romano/Diego Vilela), Diego (Denis Leary/Márcio Garcia) e Siid (John Leguizamo/Tadeu Mello) estão alojados. Um terremoto faz com que o trio fique preso em um iceberg, enquanto que Ellie (Queen Latifah/Carla Pompílio) e a pequena Amora (Keke Palmer/Bruna Laynes) permanecem no continente. Em alto mar, Manny promete que irá encontrá-las a qualquer custo, mas para tanto precisará enfrentar perigosos piratas e o canto das sereias.

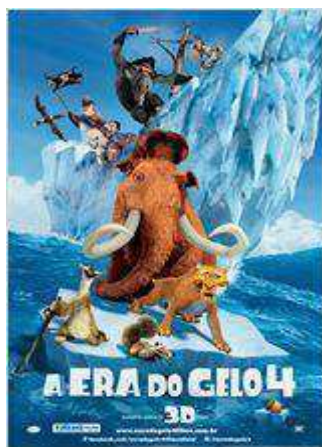


Imagem 1- Capa do filme: A Era do gelo 4.

Fonte: Google, 2015.

Pelo fato de estória da animação A Era Do Gelo 4, se passa durante o último período glacial, fato que deu nome ao filme. Os personagens enfrentam uma gigantesca catástrofe geológica: a separação dos continentes. A estreita faixa de terra e gelo em que vivem está sendo empurrado para o oceano por um gigantesco paredão de rochas, fato este gerada justamente pela separação dos continentes. Em sala de aula dá para fazer uma referência ou associação entre o conteúdo: Tectônica de placas; Deriva continental; Mudança da paisagem. Sendo esse ultimo trabalhado em sala de aula, com menção as formas de relevo.

Seguindo nosso roteiro de atividades e o conteúdo programado para a série trabalhada, ficou definido que inicialmente, faríamos uma pequena introdução do conteúdo e em seguida exibiríamos o filme. Após a exibição do filme, foi possível explanar sobre as formas de relevo terrestre. Ao término da exibição, foi feita uma discursão do que foi visto, na qual, os alunos poderão exclamaram suas observações, a medida que essa discursão era feita, surgia palavras avulsas por parte dos alunos, isso era tudo anotado na lousa. A partir daí, foi solicitado aos alunos que fizessem desenhos e pequenos textos (relacionando filme e conteúdo) para que assim pudessem expor suas dúvidas e entendimentos. A seguir, algumas imagens que revelam a etapa descrita.



Imagem 2: Aplicação do filme A Era do gelo 4.
Fonte: AMARO, 2015.



Imagem 3: Aplicação do filme A Era do gelo 4.
Fonte: AMARO, 2015.

Para a exibição dos filmes em sala do 6º ano, pudemos contar com tempo de aula ao nosso favor uma vez nesta turma as aulas de Geografia contavam com dois horários

seguidos. Isso permitiu que o filme fosse exibido na íntegra, sem cortes durante a aula. Após a exibição do filme, pudemos dar sequência ao conteúdo programado no livro didático, no entanto vale salientar que em nenhum momento ficamos refém do mesmo, pois nossa intenção é sempre mediar o conteúdo programa do livro didático aos filmes de animação, com o objetivo de dar uma roupagem aos conteúdos geográficos, trabalhados em sala de aula. Vale salientar que em todas as aulas ministradas, foi trabalhado o lúdico com os alunos, pois além dos filmes de animação, conseguimos trabalhar outros recursos didáticos, sempre mediando filme e conteúdo, uma vez que trabalhamos um globo de isopor, mostrando o núcleo da Terra (mostrado no início da animação) e um quebra cabeça confeccionado em EVA, para que os alunos, na medida em que fossem montado, iriam relacionado as formas de relevo e suas características. Complementando essa atividade, ainda fizemos uso de um jogo (Quiz Terremoto) de perguntas e repostas, no qual a turma foi dividida em dois grandes grupos para dar sequência às atividades. A seguir, imagens que mostram o uso dos recursos didáticos nas aulas do 6º ano.



Imagem 4: Globo e as camadas da Terra
Fonte: AMARO, 2015.



Imagem 5- Quebra-cabeças formas de relevo.
Fonte: AMARO, 2015.

Quanto ao comportamento dos alunos, apesar de a maioria estar sempre presente e participativa, não era raro um ou três alunos dispersos, mas nada que comprometesse o andamento das atividades propostas e o roteiro programado. No entanto, é necessário ressaltar que as aceitações das turmas foram distintas. Na turma do 6º ano a aceitação foi melhor, havendo mais participação dos mesmos durante as atividades aplicadas. Acreditamos que esse fato se deu por ser uma faixa etária ainda muito próxima da infância (11- 12 anos), e assim mais próxima à linguagem dos desenhos.

Quanto ao oitavo ano, foi exibida a animação “Pocahontas - O Encontro de Dois Mundos”, pois o conteúdo programado era Estados Unidos: formação territorial. Entende-se como a expansão territorial dos EUA aquele período que se estende praticamente durante todo o século XIX, onde o país aumenta de modo extraordinário as suas fronteiras, chegando ao fim do mesmo período com praticamente as dimensões continentais que hoje possui.

Na animação Pocahontas – o encontro de dois mundos, o tema central é o confronto entre diferentes culturas. Uma é a cultura europeia, especificamente a inglesa e a sua longa tradição colonizadora empreendida tanto em relação à América, e a outra cultura de grupos indígenas da América do Norte, no século XVI. O objetivo do filme, então era mostra como se deu essa colonização dos ingleses junto ao povo norte americano. Uma vez que foi no final do século XVI, que os ingleses se fixaram entre os montes Apalaches e a costa Atlântica da América do Norte, formando as Treze Colônias. A expansão territorial ou evolução territorial tinha como objetivo a colonização das terras recém-adquiridas, a formação de um território organizado, a alteração das fronteiras desses territórios e, finalmente, a condição final de Estado.

A guerra contra as nações indígenas ocorreu com a marcha dos ingleses para o Oeste, expandindo o território dos EUA, era imprescindível aos colonos que "pacificassem" os povos indígenas estabelecidos ao longo de todos os novos territórios, ocupando suas terras efetivamente. Provavelmente foram os povos indígenas aqueles que mais perderam, sendo muitos deles exterminados, outros depararam-se com uma quase-extinção, outros acabaram assimilados aos dominadores.

Vale destacar, que Pocahontas conta a história de um navio parte da Inglaterra com o objetivo de encontrar o "novo mundo", tendo a bordo o governador Ratcliff (David Ogden Stiers), que está ansioso em encontrar ouro, e o capitão John Smith (Mel Gibson). Ao chegarem, John decide explorar o mundo desconhecido. Logo encontra Pocahontas (Irene Bedard), uma bela índia por quem se apaixona. Só que o povo índio e os ingleses logo entram em guerra, já que estão em disputa pelas terras da América.

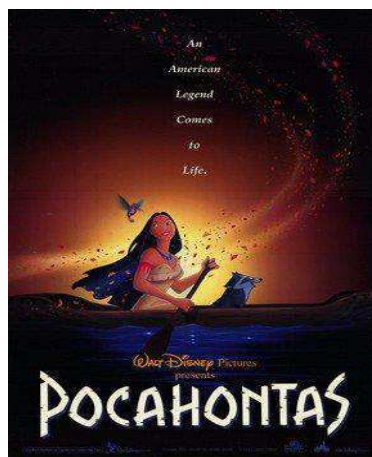


Imagem 6: capa do filme Pocahontas – o encontro de dois mundos.
Fonte: GOOGLE, 2015.

Com a exibição do filme mencionado, ficou evidente como ocorreu à formação e expansionismo territorial dos Estados Unidos, e apesar de certa relutância por se tratar de uma turma de adolescentes, não querer ver filmes de animação, durante as explicações do conteúdo nas aulas subseqüente, pode-se ver a dinamicidade e participação destes.

Uma vez instalados na sala de vídeo, a atenção e o comportamento dos alunos foram satisfatórios, e com o passar do tempo foi melhorando. Nesta turma, o tempo de aula não ficou ao nosso favor, tendo o filme que ser interrompido e retomado na aula seguinte. Porém, mesmo este intervalo não prejudicou o desenvolvimento das atividades a partir do filme. Não diferente da programação do 6º ano, inserimos também no trabalho com o 8º ano atividades com outros recursos didáticos como cruzadinha geográfica, caça-palavras e jogos de perguntas e respostas, sempre reportando aos filmes para uma melhor absorção do conteúdo exposto.

Tal prática em sala de aula nos proporcionou, em turmas distintas, atrelar os conteúdos do livro didático a recursos didáticos lúdicos, em especial filmes de animação, o que caracteriza uma abordagem metodológica para o ensino de Geografia mais dinâmica, garantindo assim uma aprendizagem e significativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do desenho animado como recurso didático, visa desenvolver de maneira lúdica, por meio dos desenhos de cinema de animação, os conteúdos didáticos para a educação básica. Seu uso contempla a realidade de muitos estudantes que, em horário de ócio, passam horas apreciando desenhos e animações. O cinema de animação como forma de exploração pelo consumismo torna-se um recurso didático em potencial por encantar o público infantil, adolescente e adulto sendo necessário trabalhá-lo de forma coerente com os temas propostos.

Dessa forma, pudemos perceber que o recurso do filme de animação é uma ferramenta interessante para se trabalhar em sala de aula, pois torna a aula mais lúdica e dinâmica, além de exigir uma maior interação dos alunos, a partir do debate que se propõe ao final. Tal prática é capaz de exercitar a criatividade e propor alternativas para que as aulas de Geografia possibilitem uma real participação no processo de produção do conhecimento.

Vale ressaltar que os métodos tradicionais como o uso do livro didático, o quadro e giz, entre outros, são recursos necessários neste processo de aprendizagem. A proposta aqui é que o professor, em especial o professor de Geografia, use também outros recursos didáticos como ferramentas metodológicas.

Após realizar este trabalho, podemos afirmar que reconhecer os conteúdos inseridos nos filmes de animação e utilizar este recurso pode favorecer o processo de ensino e aprendizagem de Geografia na educação básica, potencializando a prática de ensino dos professores, tornando as aulas de Geografia mais atrativas, dinâmicas e significativas, trazendo o cotidiano do aluno para a sala de aula.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO, Nelson, et al(orgs.) Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, 2011.

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu & CALLAI, Helena Copetti. A Licenciatura de Geografia e a Articulação com a Educação Básica. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCAFFER, Neiva Otero & KAERCHER, Nestor André (orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Rio Grande do Sul. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

AZEVEDO, Fernando de. **Novos caminhos e novos fins: A nova política da educação no Brasil**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935.

BALZ, André. O cinema da escola. *Revista do Ensino*. Belo Horizonte: Diretoria da Instrução Pública. v 2., n 10., 1926.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema?** São Paulo: Brasiliense, 1980.

BUENO, Míriam Aparecida. Ações do PIBID para melhoria do ensino de Geografia: reflexões iniciais sobre diferentes estratégias pedagógicas e formação de professores. In: SILVA, Eunice Isaias; PIRES, Lucineide Mendes. (orgs.). **Desafios da didática de geografia**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a Escola: Muda a Geografia? Muda o Ensino?** Revista Terra Livre, n. 16(p. 133-152). São Paulo, 2001.

CARVALHO, Delgado de. **Methodologia do Ensino Geographico: Introdução aos Estudos de Geographia**. Tomo I, Petropolis, RJ: Typographia das Vozes, 1925.

COUSIN, M. **Janela para o mundo: o cinema como ponte entre lugares reais e imaginários**. In: PORTUGAL, J. F. CHAIGAR, V. A. M. Cartografia, Cinema, Literatura e Outras Linguagens no Ensino de Geografia. Editora CRV, Curitiba, 2012.

DIAS, A. M. de L. **Linguagens Lúdicas como Estratégia Metodológica para a Geografia Escolar na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925 – 1935)**. Dissertação de Mestrado, João Pessoa, 2013.

FISCHER, R. M. B. **Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 35 maio/ago, 2007.

FRANCASTEL, P. **Imagem, visão e imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia**. 3º ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e respostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e o reencantamento do mundo**. Revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, v. 23, n², 126, set/out. 1995.

NEVES, A. A. **A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E A ARTE DO ESPAÇO: novas possibilidades para o ensino e para a pesquisa**. In: PORTUGAL, J. F. OLIVEIRA. S. S. de. PEREIRA. T. R. D. S. (GEO)GRAFIAS E LINGUAGENS: concepções, pesquisas e experiências formativas. Editora CRV. Curitiba, 2013.

PENTEADO, H. D. **Televisão e escola: conflito ou cooperação?** São Paulo: Cortez, 1991.

PINA, P. P. G. N. **A Relação entre o ensino e o uso do livro didático**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2009.

PIRES, Eloiza Gurgel. **A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.1, p. 281-295, 2010.

PONTUSCKA, Nídia N. **Geografia, Representações Sociais e Escola Pública**. Terra Livre. São Paulo. n. 15. p. 145-154, 2000.

PONTUSCKA, Nídia N; PAGANELLI, T; CACETE, N. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 1^o Ed. São Paulo. Cortez, 2007.

SALGADO, R. G.; PEREIRA, R. M. R.; SOUZA, S. J. **Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão**. Cadernos CEDES (Impresso), Campinas, v. 25, n. 65, p. 9-24, 2005.

VERÍSSIMO, José. **Estudos Brasileiros**. Pará: Editores Tavares Cardoso – Livraria Universal, 1889.